

O Mest

Paulo Freire:

Entrevista

PAULO FREIRE

"EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE"

Por uma hora e quinze minutos, no último dia 24 de maio, o educador Paulo Freire deixou de lado a rotina da Secretaria de Educação do Município de São Paulo e as preocupações da nova administração com sua rede de 633 escolas, 680 mil alunos e 35 mil funcionários, para conversar conosco sobre temas da sua especialidade, o que vem fazendo com razoável intensidade nos últimos 30 anos pelo mundo afora: falar sobre educação popular.

Para quem está acostumado aos trâmites para audiências com a classe tecnocrática, burocrática e política nacional, o desembaraço da recepção, a atenção, a cordialidade, a humildade e a disposição ao diálogo leve, fácil e sem preocupação quanto ao tempo, fazem parecer a incursão à Secretaria de Educação de São Paulo e falar com seu titular uma atividade de rotina e ao alcance de todos. Aliás, é a marca da intelectualidade superando a empáfia dos políticos de carreira. É certo que Paulo Freire é Secretário de Educação de São Paulo por ser filiado a um

partido político, mas muito antes o é pela sua condição de educador e mestre, internacionalmente reconhecido.

Além das respostas às perguntas desta entrevista, a conversa enveredou pelos caminhos, por exemplo, das relações de um governo petista, reformista e transformador, inserido numa estrutura política de produção capitalista e uma política autoritária e as dificuldades do relacionamento com a grande imprensa nacional, as alternativas do eleitor para a próxima eleição presidencial e as viagens e andanças do entrevistado pelo mundo.

Além da entrevista, estava incumbindo de outra missão. Convidar Paulo Freire para visitar a Unioeste. Como no primeiro caso, essa missão também foi frutífera: Paulo Freire deverá estar entre nós no início do segundo semestre, provavelmente na primeira quinzena de agosto. Pelo menos, além de uma viagem a Paris, este foi o primeiro compromisso para a segunda metade do ano que

o Secretário solicitou fosse agendado por sua assistente Iracy.

Ao término da entrevista, marcou a sensação da esperança e do animo que faz de Paulo Freire a personalidade educacional com os predicados devidos: que é possível sonhar, por exemplo, com uma nova educação, libertadora (também com uma nova sociedade), ter esperança no futuro do país e o principal: que é possível tornar esse sonho realidade.

Na informalidade da conversa, Paulo Freire disse que talvez gostaria hoje tão somente viver em alguma praia nordestina, conviver entre os pescadores e ser conhecido apenas como "seu Zé", para fazer anonimamente uma das coisas que mais gosta: escrever. Mas para ele, não aceitar o chamado da atual Prefeita de São Paulo e o desafio decorrente do cargo, seria como "negar tudo o que fiz, escrevi e disse até hoje, significando também deixar de escrever e dar palestras até o final da minha vida".

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

IU - Como é possível pensar a "pedagogia do oprimido" hoje, numa realidade totalmente diversa da década de 60? Paulo Freire - Me parece óbvio que a pergunta se refere não ao livro Pedagogia do Oprimido, mas a uma certa compreensão da educação que se compromete com a necessária emancipação das classes oprimidas.

Há "n" aspectos a ser considerados numa reflexão sobre o tema. Poderíamos discutir, por exemplo, a pedagogia do oprimido pondo-se em prática no interior do sistema escolar brasileiro, da escola de primeiro grau, da do segundo ou terceiro, pensar em torno dos obstáculos materiais, orçamento, condições físicas das escolas como pensar sobre os não menos materiais obstáculos, de ordem ideológica, com os quais nos confrontamos ao tentar pôr em prática uma educação em favor da emancipação das gentes.

Poderíamos ainda discutir o mesmo esforço em favor de uma tal prática educativa fora do sistema escolar, no campo da educação informal e ou também analisar as barreiras que se levantam ou que se opõem a uma tal forma de compromisso popular.

SE IMPÕE AOS EDUCADORES PROGRESSISTAS QUE DIMINUAM A DISTÂNCIA ENTRE O "DISCURSO AVANÇADO" E A PRÁTICA TRADICIONAL E AUTORITÁRIA

Creio que uma afirmação de ordem geral poderá ser feita: a pedagogia do oprimido, não o livro que escrevi, mas a compreensão da educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, se põe como um que - fazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inconclusa, finita, limitada.

É precisamente porque é histórica, dando-se na história e sendo vivida por seres históricos que, ao fazê-la de certa forma se refazem, que as formas de por em prática a pedagogia do oprimido como a do opressor variam no tempo e no espaço.

Há um aspecto que considero fundamental que diz respeito à posta em prática de uma pedagogia do oprimido. Refiro-me à necessidade que têm as lideranças político-pedagógicas progressistas de detectar os níveis em que se vem dando a luta de classes nesta ou naquela sociedade. São estes níveis que explicam o "atual estado" em que se encontra a educação aqui ou ali.

Para terminar tomamos um obstáculo fortíssimo a qualquer esforço de educação democrática em favor das classes populares, nos anos 60 como hoje, ao

As teses de Paulo Freire para a educação pública popular, as conquistas e dificuldades de um governo progressista e transformador na prática de uma educação libertadora, a vida e obra do entrevistado. Nesta edição, págs. 3, 4 e 5.

qual, porém, daremos resposta diferente agora. Refiro-me à ideologia autoritária e elitista que nos marca e sufoca.

Enquanto o elitismo autoritário ou o autoritarismo elitista são próprios do educador reacionário se tomam a negação do educador progressista. Em 60 como agora se impunha e se impõe aos

NENHUM EDUCADOR FAZ SUA CAMINHADA INDIFERENTE OU APESAR DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS DE SEU TEMPO OU DE SEU ESPAÇO

educadores progressistas que diminuem a distância entre o "discurso avançado" e a prática tradicional e autoritária.

IU - Como o Senhor vê a sua trajetória e a trajetória da própria educação, desde a Pedagogia do Oprimido, do Recife ao mundo e agora a São Paulo?

Paulo Freire - Nenhum educador faz

sua caminhada indiferente ou apesar das idéias pedagógicas de seu tempo ou de seu espaço. Pelo contrário, faz sua caminhada desafiado por estas idéias que combate ou que defende. Nega-se, afirma-se, cresce, imobiliza-se, envelhece assim ou é sempre novo. Estas idéias por outro lado, não são as fazedoras do

NA VERDADE, SOMOS UM GOVERNO PROGRESSISTA QUE NÃO PODE FAZER TUDO COM QUE SONHA

mundo histórico e cultural, material, do educador. Elas expressam as lutas sociais, os avanços e os recuos que se dão na história mas, também, se fazem força atuante de mudança do mundo. Há uma relação dialética entre o mundo material que gera as idéias e as idéias que podem interferir no mundo que as gera.

Evidentemente, não poderia eu es-

capar a isto. Mais do que dramaticidade, a tragicidade do nordeste em que nasci e cresci, os níveis profundos de exploração das classes populares, a malvez das classes dominantes, a perversidade das estruturas sociais, o silêncio imposto às classes populares, a que se juntava como reforço uma educação livresca e autoritária, tudo isso indicou a mim um caminho a seguir, com educador e, portanto, como político - o da busca de uma educação denunciante da opressão e anunciante da liberdade, o de uma pedagogia da indignação. Do Recife ao exílio, do exílio ao Brasil de novo, em todo este tempo de andarilhagem, este vem sendo o meu compromisso. E porque este é o compromisso com um futuro se construindo no presente que se transforma, aprendi na caminhada que é condição fundamental para continuar caminhando estar sempre aberto à aprendizagem. É assim, curioso e aberto ao novo, que venho aprendendo mais do que esperava como Secretário de Educação da Cidade de São Paulo há cinco meses. Reconhecendo o já conhecido e conhecendo o não suspeitado, minha vida vem sendo nestes meses um suceder de dias em que quase nada me passa desperce-

APRENDI NA CAMINHADA QUE É CONDIÇÃO FUNDAMENTAL PARA CONTINUAR CAMINHANDO ESTAR SEMPRE ABERTO À APRENDIZAGEM

bido. No fundo um tempo penoso e intensamente gostoso, como é todo tempo de conhecer e de gestar, de fazer e de refazer.

IU - Que pontos fundamentais e até negociáveis devem ser contemplados pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na sua opinião?

Paulo Freire - Me fixo num, a partir do qual se pode pensar um grande número de outros. Me refiro ao da defesa da escola pública. Do seu resguardo. Da escola pública respeitada, competente, alegre, democrática. Da escola pública para todos, sem aprovações gratuitas, assistencialistas, enganadoras, mas sem reprovações discriminadoras, por isso da escola pública em que se ensine bem e se aprenda com prazer. Da escola pública que leve em consideração a identidade cultural de classe de seus alunos, que respeite seu "saber de experiência feito", sua linguagem de classe também. Da escola pública que, por tudo isso, tenha seus professores respeitados, estimulados, bem pagos.

IU - Como se processa a relação Paulo Freire educador progressista e agora Secretário Municipal de Educação (portanto, detentor do poder), considerando ainda ser esta uma máquina administra-

segue 7

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

tiva de razoáveis proporções e um estamento altamente burocratizado?

Paulo Freire - Me parece importante começar a tentativa de resposta a essa pergunta relativizando uma afirmação que você faz: a de eu me achar agora no poder. Rigorosamente, estou no governo municipal de São Paulo, à frente de sua Secretaria de Educação o que, na verdade, me dá um pouco de poder, mas não o poder. Isto não significa, de maneira

NO GOVERNO MUNICIPAL, APROVEITO O PODER QUE DELE DECORRE PARA REALIZAR, NO MÍNIMO, PARTE DO VELHO SONHO QUE ME ANIMA. O SONHO DE MUDAR A CARA DA ESCOLA. O SONHO DE DEMOCRATIZÁ-LA, DE SUPERAR O SEU ELITISMO AUTORITÁRIO, O QUE SÓ PODE SER FEITO DEMOCRATICAMENTE.

alguma, que tenha agora o mesmo poder que tinha antes. Tenho mais do que tinha antes mas bastante menos do que ingenuamente se pensa que tenho.

Na verdade, somos um governo progressista que não pode fazer tudo com que sonha.

De qualquer maneira não vejo contradição no fato de, hoje, como Secretário de Educação Municipal, tentar realizar algumas das propostas ou pôr em

prática algumas das idéias por que me venho batendo há tanto tempo. No governo municipal, aproveito o poder que dele decorre para realizar, no mínimo, parte do velho sonho que me anima. O sonho de mudar a cara da escola. O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente. Imagine você se eu pretendesse superar o autoritarismo da escola autoritariamente.

Um das coisas gostosas do jogo democrático é que, não basta você estar convencido do acerto de suas idéias e do acerto de sua prática. Você precisa demonstrá-lo e convencer os demais. Diria até que, em muitos casos, você precisa converter.

Além de não ser uma contradição procurar concretizar velhas aspirações político-pedagógicas à frente da Secretaria de Educação Municipal é gostosa essa forma de briga.

É claro que não é fácil. Há obstáculos de toda ordem retardando a ação transformadora. O amontoado de papéis tomando o nosso tempo, os mecanismos administrativos emperrando a marcha dos projetos, os prazos para isto, para aquilo, um deus-nos-acuda.

De fato, a burocracia que está aí prejudica até mesmo as classes dominantes, mas, afinal, enquanto dominantes, terminam por ajustar a máquina burocrática a seus interesses. O difícil é pôr esta burocracia a serviço dos sonhos pro-

gressistas de um governo popular e não populista.

IU - O que difere, na prática, da proposta educacional do PT em relação às propostas dos demais partidos?

Paulo Freire - Não gostaria de fazer nenhuma comparação entre a nossa maneira de encarar a administração da educação e da coisa pública em geral e a de outros partidos. Gostaria, sim, de sublinhar alguns pontos que são caros para nós, enquanto administração petista.

Um deles é o que entendemos por participação. Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais desvessem e pudessem dar à administração pública.

Participação ou colaboração, por exemplo, através do chamados mutirões por meio dos quais se reparem escolas, creches, ou se limpem ruas e praças. A participação para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai mais além. Implica, por parte das classes populares, um "estar presente na História e não simplesmente nela estar representada". Implica a participação política das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. Por isso é que uma compreensão autoritária da participação a reduz, obviamente, a uma presença concedida das classes populares a certos momentos da administração. Para nós também, é que os

"Conselhos de Escola" têm uma real importância enquanto verdadeira instância de poder na criação de uma escola diferente.

Participação popular para nós não é um "slogan" mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho de realização democrática da Cidade.

Na medida em que nos afirmemos na prática democrática da participação,

DE FATO, A BUROCRACIA QUE ESTÁ AÍ PREJUDICA ATÉ MESMO AS CLASSES DOMINANTES, MAS, AFINAL, ENQUANTO DOMINANTES TERMINAM POR AJUSTAR A MÁQUINA BUROCRÁTICA A SEUS INTERESSES. O DIFÍCIL É PÔR ESTA BUROCRACIA A SERVIÇO DOS SONHOS PROGRESSISTAS DE UM GOVERNO POPULAR E NÃO POPULISTA.

estaremos nos afastando cada vez mais, de um lado, das práticas elitistas, anti-democráticas, de outro, das não menos anti-democráticas práticas basistas. Bem sei que não é fácil encarnar projetos ou viver a participação popular como programa de governo e como ideal político. Não é fácil sobretudo pelas tradições autoritárias que precisamos superar o que não se pode fazer no puro discurso contraditado por práticas autoritárias.